

# Psicoanálisis: focos y aperturas

Maria Leonor Espinosa Enéas  
Universidade Presbiteriana Mackenzie

A prática psicanalítica tem sido criticada na atualidade e tem passado por reformulações principalmente em virtude da crescente demanda pela psicoterapia, demanda esta geralmente concentrada em instituições de atendimento à saúde mental e marcada pela busca de solução mais pronta para os problemas emocionais. Várias questões surgidas na prática assistencial contemporânea são geralmente evitadas em discussões teóricas psicanalíticas. A pressão do ritmo de vida, a urgência em resolver problemas aliada a condições egóicas menos desenvolvidas de grande parte da população que requer cuidados, o modelo médico tomado como referência são alguns dos aspectos que distanciaram a prática psicoterápica da perspectiva teórica original. À medida que o terapeuta se depara com a necessidade de usar variações técnicas de forma diversa da aprendida, se vê acometido de angústias, mas também se impulsiona a buscar soluções viáveis dentro de seu próprio referencial teórico para que, há um tempo, não perca a sua identidade profissional e consiga prestar a assistência adequada.

*Psicoanálisis: focos y aperturas* é uma publicação uruguaia que reúne um conjunto de 12 capítulos de autores diversos, uruguaios e convidados estrangeiros. Os uruguaios pertencem, em sua maioria, a uma instituição psicanalítica daquele país dedicada ao estudo e ensino de intervenções focalizadas. A obra trata de questões relativas à técnica da psicoterapia e das necessidades do meio em que está inserida.

Essa inserção da psicoterapia é explicitamente tratada no Prólogo por Angel Ginés, que traça o desenvolvimento do panorama assistencial no Uruguai e os problemas típicos que o caracterizam, bastante semelhantes àqueles que encontramos em nossa realidade. O autor, que é diretor da clínica psiquiátrica da Faculdade de Medicina da Universidad de la República, enfatiza a importância dos trabalhos contidos no livro para pesquisar soluções para os problemas apontados.

O primeiro capítulo, escrito por Otto Kernberg (EUA), apresenta controvérsias contemporâneas sobre a psicoterapia psicanalítica e discute a psicanálise, a psicoterapia psicanalítica e a psicoterapia de apoio em aspectos conceituais, clínicos, educacionais e políticos. Comenta as diferenças entre essas modalidades de tratamento, compara-as e aponta indicações e contra-indicações de cada uma. Destaca e critica especialmente o aspecto da formação em instituições psicanalíticas que sustentam o ensino da técnica psicanalítica clássica enquanto, na prática, predomina o trabalho psicoterapêutico.

O capítulo seguinte, de Ricardo Bernardi (Uruguai), discute a necessidade de controvérsias em psicanálise. Para o autor, a psicanálise apresenta problemas metodológicos e epistemológicos que exigem debate e considera que, nas controvérsias psicanalíticas, muitas vezes são discutidas simultaneamente questões de natureza diversa, sem que se tenha estabelecido previamente qual o tipo de procedimento que se considera válido para avançar em cada categoria de perguntas. Procura mostrar a utilidade das idéias da teoria da argumentação para clarificar alguns problemas e identificar possíveis caminhos de avanço. A teoria da argumentação estuda o modo como se procede para obter acordos em campos em que não se podem obter demonstrações necessárias (como na lógica). Contudo, em sua opinião, as teorias psicanalíticas se tornam incomensuráveis na medida em que só aceitam ter suas idéias discutidas a partir de suas próprias premissas. Ilustra suas idéias com os debates sobre M. Klein e J. Lacan na região do Rio da Prata.

O terceiro capítulo, de Héctor Fiorini (Argentina), refere-se àquilo que se passa em uma boa psicoterapia psicanalítica, comentando acertos e desacertos. Descreve as principais características dessa abordagem em termos de atitudes do terapeuta que promovem as condições básicas para seu funcionamento; o processo terapêutico, mencionando os dez movimentos que, em sua opinião, o definem; e discute as condições, tanto do paciente quanto do terapeuta, para a realização do tratamento. Com relação ao terapeuta, enfatiza atitudes negativas que dificultam o desenvolvimento do processo e discute o saber e a ignorância do analista.

Denise Defey (Uruguai) discute, no capítulo seguinte, a substituição como um recurso mental espontâneo ou induzido para manejar situações de perdas. Esse processo consiste em procurar um objeto na realidade, cuja presença compensa ou substitui um objeto perdido e ocorre quando não é possível haver elaboração dessa ausência. Para a autora, a substituição pode preceder a elaboração ou, diante de traumas profundos ou dificuldade para manejo adequado, tomar-lhe o lugar. Ela propõe que a substituição seja melhor conhecida para enriquecer a teoria e suas potencialidades terapêuticas.

O quinto capítulo, de Jorge Rivera (Uruguai), discute a importante questão do término de tratamentos nas psicoterapias psicanalíticas, tema que, segundo o autor, é muito difícil para os psicoterapeutas e, talvez por este motivo, receba pouca atenção na literatura especializada. Contudo, os términos ocorrem mais do que seria desejável pelos terapeutas, e o autor aponta a necessidade de haver planejamento na terapia para que possa ocorrer um término sem traumas para ambos os participantes.

O capítulo de Peter Fonagy (Inglaterra) aponta a necessidade de operacionalizar e examinar empiricamente os postulados psicanalíticos para tornar a psicanálise relevante no novo milênio. Para tanto, sugere o uso simultâneo de múltiplos métodos de exploração para que se possa obter maior generalidade nos achados de pesquisa e, assim, usufruir mais amplamente de sua aplicabilidade clínica. O autor menciona um programa de pesquisa que parte do desenvolvimento do apego como um regulador da experiência emocional, e procura desenvolver um modelo evolutivo das relações associado à capacidade de mentalização, ou seja, à compreensão de comportamentos em termos de estados mentais. Comenta as implicações desse modelo especialmente na compreensão e tratamento de transtornos de personalidade.

O capítulo seguinte, de Horst Kächele e colaboradores (Alemanha), segue uma linha semelhante e discute os conceitos de desenvolvimento, apego e vínculo. Para os autores, o novo pensamento psicanalítico aproxima os procedimentos psicodinâmicos de um suporte empírico, como fizeram os manuais de psicoterapia publicados em 1984 que enfocam o tema de um ponto de vista ao mesmo tempo dinâmico e interpessoal. O capítulo explora detalhadamente os três conceitos mencionados, resultados do avanço do conhecimento na área, e procura mostrar como contribuem para o novo pensamento psicanalítico. Entre as implicações apontadas pelos autores está a necessidade de desenvolver estratégias terapêuticas diferenciadas para cada padrão de apego.

Na seqüência, o capítulo de Rolph Sandell e colaboradores (Suécia) apresenta um estudo empírico: uma investigação sistemática dos resultados, com seguimento de três anos, em psicanálise e psicoterapias psicanalíticas. Foram avaliadas mudanças nos pacientes em termos de sintomas, sentido de coerência e ajuste social, sendo observado que os sintomas obtiveram melhoras mais significativas quando associados à psicanálise do que à psicoterapia de longa duração. Quanto aos terapeutas, maior experiência – ligada naturalmente à idade – esteve associada a melhoras mais acentuadas nos sintomas dos pacientes, independentemente de estes serem submetidos à psicanálise ou à psicoterapia. Interessante notar que os resultados desse estudo, embora de generalizabilidade limitada e sem possibilidade de gerar conclusões causais, diferem daqueles obtidos em outros estudos que empregaram terapias de duração limitada.

O capítulo de Sylvia Gril (Uruguai) apresenta uma contribuição teórica sobre pesquisa, dessa vez relativa ao processo psicoterápico. Comenta as condições em que é possível fazer estudos de processo e resenha alguns dos mais importantes achados dessas pesquisas, principalmente no tocante à sua utilidade para a prática clínica.

Gabriela Montado (Uruguai) apresenta em seguida os dados de um estudo de processo e resultado que vem sendo realizado no mencionado instituto a que pertencem vários dos autores. O estudo analisa características dos pacientes, dos terapeutas e dos processos. Os processos tiveram 18 sessões em média, os focos trabalhados geralmente coincidem com os motivos da procura, e estes são, em sua maioria, relativos à dificuldades conjugais. Na maioria dos processos, houve percepção de melhora tanto pelos pacientes quanto pelos terapeutas, sendo que os pacientes perceberam maior montante de melhora. O tempo da terapia foi percebido como adequado para a maioria dos envolvidos, sendo maior o número de terapeutas do que de pacientes com esta percepção. Também houve melhora no nível geral de sintomas para a grande maioria dos pacientes.

O capítulo de Juan Pablo Jiménez e colaboradores (Chile) discute a inserção da psicoterapia nas sociedades democráticas industrializadas e as conseqüentes necessidades para a formação dos terapeutas, principalmente a discrepância entre a habilidade dos supervisores e formadores em técnicas psicanalíticas de longa duração e a demanda por tratamentos breves, com duração e objetivos limitados. Apresenta um modelo de formação psicoterapêutica básica e comenta as diversas necessidades e condições dos terapeutas principiantes, incluindo conhecimento, desenvolvimento pessoal, manejo da teoria da terapia etc.

O último capítulo, de Juan Hebert Elizalde (Uruguai), analisa as principais crises dos terapeutas no desempenho de seu trabalho, como as relativas ao começo profissional, as advindas do exercício da profissão, aquelas pessoais do terapeuta e as de esgotamento profissional. O autor apresenta os dados de um estudo que lhe permitiram esboçar algumas estratégias de prevenção, principalmente para o esgotamento profissional, entre elas a informação, cuidados pessoais com saúde, lazer, grupos informais de contato com colegas, e outros.

O livro apresenta aspectos representativos das várias preocupações que acometem os profissionais de saúde mental que empregam psicoterapias de orientação psicanalítica, especialmente aquelas com objetivos e duração limitados. Também oferece condições para a reflexão e a busca de alternativas técnicas viáveis que não descaracterizem os fundamentos teóricos e, portanto, mantenham a coerência teórico-prática que dá consistência à atividade clínica. Dessa forma, o livro é de interesse para alunos em formação, especialmente na área clínica, e também para os psicoterapeutas profissionais, que se orientam pela proposta teórica psicanalítica, e que se deparam com a necessidade de questionar a prática cotidiana, mormente quando envolvidos no trabalho assistencial.

## **Obra Resenhada**

---

VÁRIOS AUTORES (2001) *Psicoanálisis: focos y aperturas*. Montevideo: Psicolibros, 308pp.